

O MODERNISMO EM CLARICE LISPECTOR: UMA BREVE ANÁLISE DA OBRA A HORA DA ESTRELA

SANDRA SANTOS ESTEVES¹

IAGO PRINA ROCHA²

JORGE AUGUSTO DE JESUS SILVA³

INTRODUÇÃO

A literatura que era produzida do cenário brasileiro a partir de 1945 sofreu com diversos impactos históricos, sócio-políticos e culturais, e para isso estudaremos tais impressões na obra *A Hora da Estrela*, da escritora Clarice Lispector, refletiremos a partir da autora, como um ponto de partida, isto é, como um pontapé para que outras mulheres pudessem gritar em forma de escrita. É bem sabido que o cânone da literatura brasileira, majoritariamente sempre foi composto por homens, ricos e brancos, com algumas exceções como Maria Firmina dos Reis, Júlia Lopes de Almeida, Conceição Evaristo, Machado de Assis, Lima Barreto, entre tantos outros que hoje versam um outro lado da história do nosso país.

Neste sentido, incluirei entre estes escritores Clarice Lispector, que como mulher, branca, estrangeira, mas que se coloca e entende-se como brasileira, criada no nordeste brasileiro conta a história do nosso país de uma forma tão intensa e singela ao mesmo tempo. Desse modo, iremos agora imergir na vida de Macabéa e Clarice e nos reconhecemos entre a escritora, os personagens, e também seu narrador.

O ensaio foi organizado em seções que discorrerá a obra da seguinte forma: compreensão do contexto histórico, sócio-político e cultural do Brasil a

¹ Acadêmica do Curso de Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

² Doutorando em Ciências e Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande (UFRG).

³ Professor Doutor do Departamento de Ciências Humanas e Letras (DCHL) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).



partir de 1945, discussão acerca da fase de transição do Modernismo Brasileiro, apresentação da autora e sua obra, análise do narrador e dos personagens principais, aspectos entre o narrador-personagem e a autora, representação e os impactos da Rádio Relógio na personagem principal, e por fim a reflexão no tocante à escrita feminina modernista e contemporânea brasileira.

Para aproximar-me de Clarice Lispector, além da leitura da sua vida e obra, consultei sua última entrevista dada à TV Cultura no programa Panorama, em 1 de fevereiro de 1977, e outras entrevistas e textos da professora, pesquisadora e escritora Nádia Batella Gotlib que estuda a vida e obra de Clarice atualmente.

Além da professora-pesquisadora, a fundamentação teórica deste ensaio está embasada em alguns dos nossos pesquisadores e críticos literários brasileiros que também foram consultados como Alfredo Bosi, Antônio Candido, Ana Paula Meyer Velloso, Danila Faria Berto, Andrea Cazé de Oliveira Ângela de Castro Gomes, Jorge Ferreira, Fabrício Lopes da Silva, Homero Bergamaschi Dutra, entre outros.

O CONTEXTO SÓCIO-POLÍTICO BRASILEIRO EM 1945-1964

O contexto histórico brasileiro entre 1945 e 1964 foi marcado por profundas mudanças políticas e sociais em nosso país, findava-se o período ditatorial da Era Vargas, um governo que teve como base a industrialização, o desenvolvimentismo, e os ecos do “progresso científico e tecnológico” advindos do período oligárquico da República do café com leite, nesse quesito historiográfico a obra *A Hora da Estrela* foge totalmente da centralização da literatura brasileira que estava sendo produzida em São Paulo e Minas Gerais.

Ademais, no que tange a obra de Clarice Lispector, a autora narra a partir da personagem de Macabéa um dos mais importantes processos



migratório internos que ocorreu em nosso território; nortistas e nordestinos que buscavam se estabelecer no mundo urbano e industrial no eixo Rio-São Paulo.

A autora como migrante e imigrante que era também, se enquadra na técnica literária utilizada por ela, o *fluxo de consciência* (LEITE, 1985); o qual veremos mais cuidadosamente na análise do narrador, fluxo de consciência este que foi tecido na construção da sua personagem principal consoante com sua infância no nordeste brasileiro.

Um dos principais fatores na história brasileira que confirmam a fase de transição do Modernismo de 1945, inserido em um projeto de desenvolvimento do país por Getúlio Vargas, são observadas não somente na literatura, mas também na sociedade daquela época, para os historiadores Ângela de Castro Gomes e Jorge Ferreira (2018), o cenário político, social e econômico brasileiro consistia na seguinte afirmação:

“O tamanho do território e a exuberância da natureza; o agrarismo e a tradição de trabalho escravo; a ignorância do povo; o patrimonialismo do Estado; a falta de uma elite política, moral e tecnicamente competente; a atração pelo que se fazia fora do Brasil etc., impediriam o desenvolvimento do que se chamou de “opinião pública” ou de “formas de solidariedade social modernas.”

Os dois pesquisadores acrescentam ainda, que o Brasil vivenciava uma “realidade nacional” na qual estava “deixando de sociedade atrasada e rural, para se tornar uma moderna sociedade urbano-industrial, estando marcada pelo fenômeno das migrações do campo para a cidade”. (GOMES, Ângela; FERREIRA, Jorge, 2018).

Na obra *A Hora da Estrela*, esse fluxo migratório que ocorreu no território brasileiro da região Norte e Nordeste para o Sudeste, é muito bem representado pelos personagens de Macabéa e José Olímpico, e não só no livro, como também no filme com a interpretação de Marcelia Cartaxo e José Dumont, a jovem nordestina com seu vocabulário apoucado tentava se encaixar naquele novo mundo urbano industrializado e desconhecido que apresentava-se pra ela. Sendo assim, é possível de imaginar tantas outras



macabeás e josés olímpicos que em algum momento da vida necessitaram mudar-se do sertão nordestino almejando uma “vida melhor” nos grandes centros urbanos, modernos e industriais, trabalhando como datilógrafos, cartomantes, metalúrgicos, açougueiros, motoristas, jardineiros, faxineiras e babás, e etc; alguns até aspirando serem políticos, como afirmou José Olímpico: - “Sou muito inteligente, ainda vou ser deputado” (LISPECTOR, 1998).

O MOVIMENTO MODERNISTA BRASILEIRO DE 1945

O movimento literário modernista brasileiro de 1945, foi marcado por rasuras em comparação com as fases anteriores, principalmente a geração de 22, que se preocupava com uma identidade nacional, mas que ainda refletia a cultura europeia camuflada em roupagens de suas vanguardas.

Já, a fase de 30 destacou um amadurecimento mais crítico e revolucionário, marcados nos romances narrados por Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego. Nesse ínterim de escritores, segundo o crítico literário paulista Alfredo Bosi, a literatura brasileira era a seguinte:

Entre 1930 e 1945/50, grosso modo, o panorama literário apresentava em primeiro plano a ficção regionalista, o ensaísmo social e o aprofundamento da lírica moderna [...], afirmando-se lenta mas seguramente, vinha o romance introspectivo. (BOSI, 2006).

Os espaços e paisagens destas produções literárias para o autor, evidenciavam o cenário nacional: um nordeste decadente, e as aflições de uma classe média que estava ingressando em um mundo timidamente urbano, ainda com “os conflitos internos da burguesia entre provinciana e cosmopolita”. (BOSI, 2006).

E é nessa classificação; conforme Bosi, o *romance introspectivo*, que vislumbramos o desabrochar de Clarice Lispector. Para a pesquisadora e cientista social Ana Paula Meyer Velloso (2017), a geração do modernismo de



1945 representava “uma arte inquieta com relação à palavra e à forma, como no caso de João Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa, e ao mesmo tempo mergulhava em assuntos puramente humanos, como em Clarice Lispector”. (VELLOSO, 2017). As transformações históricas, sociais, políticas, e culturais que afetaram Clarice e os escritores de 45 caracterizaram, de fato a prosa e a poesia de forma mais intimista, regional e urbana.

CLARICE LISPECTOR – UMA ESCRITA DE SI

Clarice Lispector era judaico ucraniana, nascida em Tchetchelnik uma pequena cidade na Ucrânia, chegou ao Brasil com seus pais que fugiam da Guerra Civil Russa quando ainda era um bebê, com dois meses de idade, naturalizou brasileira, passou sua infância no Nordeste nos estados de Maceió e Pernambuco, aos doze anos foi morar no Rio de Janeiro, onde formou-se em Direito na Faculdade de Direito da UFRJ, trabalhou como jornalista e iniciou sua carreira literária, algumas de suas obras mais famosas são: Perto do Coração Selvagem, A Paixão Segundo G.H, A Maçã no Escuro, Laços de Família, e A Hora da Estrela (1977), entre outras...

Acerca da obra A Hora da Estrela, na entrevista gravada para o programa Panorama da TV Cultura em 1977, a autora afirmou que a obra teria treze títulos, e que a sua personagem principal era tão pobre que só comia cachorro quente, marcada por “uma inocência pisada e uma miséria anônima”. (LISPECTOR, 1977).

A escrita de Clarice na literatura é nitidamente intensa, introspectiva, intimista, e psicológica, e, quando afirmo que a sua maneira de escrever A Hora da Estrela, também era muito sobre si refletida vida de Macabéa, é na mudança de uma jovem de dezenove anos do sertão de Alagoas para o “inacreditável Rio de Janeiro” (LISPECTOR, 1998) que Clarice reafirma a sua infância e adolescência em um país, onde o tamanho do território tornava o nordestino, de fato, perdido e anônimo em meio a urbanização dos primeiros



grandes centros comerciais do Brasil.

O curioso narrador-personagem Rodrigo S.M, ao mesmo tempo que escreve e conta, e tudo sabe sobre Macabéa se entrelaça com nossa escritora em diversos trechos misturando-se com seus próprios pensamentos. Esta estratégia de narrar através de um falso narrador e de acordo o *fluxo de consciência* da autora, “trata-se de um “desenrolar ininterrupto dos pensamentos” das personagens ou do narrador”. (LEITE, 1985).

Ainda na entrevista concedida a TV Cultura, a escritora afirmou que na feira de São Cristóvão, no Rio de Janeiro; local específico do estado carioca, que ainda preserva as tradições nordestinas, certo dia ao ir lá, ela pegou “o ar meio perdido do nordestino no Rio de Janeiro”. (LISPECTOR, 1977), é esta fusão entre narrador e autor que podemos observar no trecho abaixo:

Como é que sei tudo o que vai se seguir e que ainda o desconheço, já que nunca o vivi? É que numa rua do Rio de Janeiro peguei o ar de relance o sentimento de perdição do rosto de uma moça nordestina. Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste. (LISPECTOR, 1998).

Desse modo, a partir da escrita de Clarice e parafraseando Foucault, concordo veemente com a afirmação da socióloga Danila Faria Berto, ao declarar que:

Clarice não lê Foucault, assim como, Foucault também não lê Clarice. E apesar disso, suas obras são deixadas como testamento que se complementam. A escrita da autora é um exercício de liberdade e uma verdadeira reflexão sobre o gênero humano. (BERTO,2018).

MACABÉA

A nossa doce e ingênua protagonista Macabéa, é uma jovem nordestina de dezenove anos, pálida, magra, virgem, possuía poucos hábitos de higiene, foi criada pela tia beata que lhe deu um curso raso de datilografia, contudo escrevia muito mal. Mudou-se do sertão de Alagoas para o Rio de Janeiro, a tia conseguiu um emprego de datilógrafa para a sobrinha, e após o falecimento de sua única parenta, Macabéa passa morar com quatro



moças balconistas das Lojas Americanas em um quarto compartilhado, todas as noites escutava a Rádio Relógio, emprestado por uma colega de moradia.

Macabéa, imersa em sua mesmice rotineira da vida, infelicidade, não existência e insignificância envolvem quem a lê um desejo de piedade e acolhimento entre leitor e personagem, o que também é sentido pelo narrador, conforme ele afirma:

“Só eu a vejo encantadora. Só, eu, eu autor, a amo. Sofro por ela. E só eu é que posso dizer assim: “que é que você não me pede chorando que eu não lhe dê cantando”?” (LISPECTOR, 1998).

Olímpico de Jesus, seu namorado, metalúrgico e também nordestino, porém, ignorante, mal caráter e ambicioso, aproximou-se de Macabéa com o intuito de ascender socialmente, porém, ao conhecer melhor a jovem, ele com seus rasos diálogos disfarçados de sedução, mas que, cuja ignorância do rapaz se fazia presente não foi possível manter o esquisito namoro, que logo chegou ao fim.

A RÁDIO RELÓGIO

Macabéa pegara emprestado de uma de suas colegas um pequeno rádio que escutava baixinho todas as madrugadas, a Rádio Relógio dava “hora certa e cultura” e nenhuma música, apenas ensinamentos e anúncios comerciais.

A rádio era sua única ligação com aquele mundo urbanizado onde ela cairá de paraquedas, Macabéa, com sua pouca escolaridade, submetida a um subemprego e sujeita a um tempo livre preencheu essa lacuna como um elo, entre ela e o rádio, e assim, tornou-se alvo fácil da propaganda e da indústria cultural de massa, ao ponto que seu desejo era ser artista de cinema, tal qual Marilyn Moroe, símbolo sexual da época.

Segundo a professora Márcia Lígia Guidin (1996) a personagem “denuncia a existência de uma classe social marginalizada, sem consciência



política e que, por isso, não está preparada para a luta de classes'. Esse perfil é o que melhor define o universo dos receptores pobres das comunicações de massa" (GUIDIN, 1996).

MACABÉAS E CLARICES

Considerando os desafios enfrentados pelas mulheres acerca do direito de acesso a escrita, educação, produção, publicação, e usufruto da literatura é que este ensaio propõe a reflexão e necessidade em evidenciar que as literaturas consideradas menores, a qual é realizada por mulheres, negros e indígenas, ainda são marginalizadas e invisibilizadas nas escolas e universidades brasileiras. Um dos aspectos da língua é seu vetor político, ou seja, por meio dela que fazemos literatura, e sendo esta uma "arte verbal" (FILHO, 2007, p. 8). Nesse sentido, é através da literatura que foi possível as mulheres escreverem suas próprias histórias, vivências e denúncias, Gilles Deleuze declara que: "A escrita é inseparável do devir: ao escrevermos, *devimos-mulher*, *devimos-animal* ou *vegetal*, *devimos-molécula* até devir-imperceptível."

Um dos títulos da obra chamou-se **O direito ao grito**, e Clarice em uma de suas entrevistas declarou que escrever era mais forte do que ela. Macabéa teve a oportunidade de mudar e encarar o mundo com sua datilografia a qualquer hora, porém, sempre alheia as suas condições não o fez.

Todavia, a partir da vida de sua protagonista Macabéa na escrita de Clarice germinou outras tantas mulheres que gritaram, ocuparam e continuam ocupando esse espaço que por tantos séculos foi silenciado e controlado pelo masculino.

REFERÊNCIAS

BERTO, Danila Faria. **À BEIRA DO ABISMO: Entre literatura e escrita de si em Clarice Lispector**. 2018. 167 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais,

“ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS”

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA
VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ

Universidade Estadual Paulista, Marília, 2019. Cap. 4.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

DELEUZE; GUATTARI. **Kafka: Por uma literatura menor** / Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução: Cíntia Vieira da Silva; revisão da tradução: Luiz. B. L. Orlandi. – 1. ed.; 3. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014

GOMES, Angela de Castro; FERREIRA, Jorge. Brasil, 1945-1964: uma democracia representativa em consolidação. **Revista de História de Juiz de Fora**, Juiz de Fora, v. 24, n. 2, p. 251-275, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/download/20880/22391/83157>. Acesso em: 10 maio 2018.

GOTLIB, Nádya Battella. **Clarice: uma vida que se conta**. São Paulo: Ática, 1995.

GUIDIN, Márcia Lígia. **Roteiro de leitura: A hora da estrela**. São Paulo, Ática, 1996.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **O foco narrativo, ou, A polêmica em torno da ilusão**. São Paulo: Ática.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

VELLOSO, Ana Paula Meyer. **Neomodernistas de 1945: uma querela de gerações**. 2017. 199 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2017. Cap. 4.